

14. Vagantes e flutuantes

Em 1999, a sonda espacial *Mars Climate Orbiter*, concebida e enviada para estudar o clima do planeta Marte, se desintegrou porque caiu muito próxima da atmosfera do planeta. Isto aconteceu também, porque na fase de programação, houve um erro de cálculo nos dados, um erro bastante banal.

É um bom exemplo para esclarecer aquilo que dizia ontem sobre o significado dos termos "erro" e "errar". Concebemos o erro como algo esporádico, matemático, como quando se faz um erro de cálculo. E é verdade que em matemática, pelo menos na teoria, o erro se reduz a isto e pode ser corrigido simplesmente refazendo o cálculo. Mas em latim, como dizia, "errar" significa equivocar um caminho, e isto não é um erro esporádico, mas envolve uma dimensão de tempo e espaço "errados", no qual se erra, vaga, se está perdido. O exemplo da sonda da NASA, que deveria estudar o clima de Marte é, porém, um bom exemplo de como também um erro esporádico, matemático, pode levar a uma trajetória errada, a perder o caminho, com consequências desastrosas se não for corrigido a tempo a direção e a velocidade.

Mas o que desejo enfatizar, e que creio útil para o nosso caminho, é quanto seja importante, também na nossa vida, distinguir entre erros esporádicos ou as quedas e a perda do caminho. Um erro esporádico, em si, não é tão grave, e pode ser consertado, simplesmente em reconhecê-lo e pedindo perdão. Nas provas finais do ensino médio, na prova escrita de matemática tinha feito um cálculo errado, mas que na prova oral demonstrei ser capaz de corrigir, e assim em matemática, recebi a nota máxima. Assim é quando se cai: podemos machucar, mas geralmente podemos nos levantar rapidamente. Um erro, uma queda, não definem, necessariamente, o caminho da nossa vida. Podemos levantar e recomeçar o caminho, talvez com mais atenção e humildade.

Mas há erros, porém, que nos fazem perder o caminho, especialmente os erros repetidos, não reconhecidos ou que não levamos a sério o suficiente. Nas quedas esporádicas, é suficiente que nos levantamos ou que alguém nos ajude a levantar, e está tudo bem. Quando nos encontramos em um caminho errado, a ajuda que precisamos não é apenas uma mão que nos coloque de pé, mas de um guia, um pastor que nos acompanhe, que nos ensine o caminho certo. É desta misericórdia que falávamos ontem, citando os Salmos: "Então aos errantes ensinarei vossos caminhos, e voltarão a vós os pecadores" (Sl 50,15).

É sobretudo desta misericórdia para os errantes que nos fala São Bento na Regra, quando descreve o dever do abade e da comunidade ou nos pede humildade para seguir os preceitos e admoestações do Pai e Mestre, que nos chama a segui-lo para voltar à casa de Deus (cf. Pról. 1-2).

Mas, como mostra o caminho certo, o bom pastor descrito no capítulo 27 da Regra e que o abade é chamado a imitar? O que faz com a ovelha que estava vagando, perdida (*quae erraverat*)?

Notamos que neste capítulo, o irmão rebelde e "delinquente", é também chamado de "flutuante", "*frater fluctuans*" (cf. 27,3). Não é apenas divagar, mas também instável,

vacilante, como um naufrago que está no meio do mar em cima de uma tábua de madeira, e que sobe e desce com as oscilações, as ondas, como uma rolha. Quem é flutuante, é como se não tivesse estabilidade em si mesmo, nem na comunidade, nem em Deus e, portanto, sofre passivamente todos os movimentos das circunstâncias externas. Talvez o homem de hoje é mais "flutuante" que "vagante", porque a cultura da internet mantém sua atenção constantemente na superfície de mil ondas de informação, das novidades, e não tem mais espaços e tempos que não se "boie", não se "surfa" sobre as ondas superficiais e virtuais da realidade. Já não somos mais educados para ter um porto onde parar, lançar uma âncora que fixe e estabilize nas profundezas. Nas comunidades encontro muitos *fratres e sorores fluctuantes*, que tem dificuldades de ficar parados, por exemplo, para se dedicar à *lectio divina*, meditação, adoração, de ficar parados diante de Deus e na frente dos outros para ouvir, aprofundar, esperar a vinda do Verbo. Estamos todos envolvidos nesta "cultura flutuante", na Europa, América, mas também na Ásia e na África, e devemos lidar com isto, e nos ajudar a entender como recuperar e viver uma estabilidade monástica do coração, apesar deste ar que respiramos.

Mas que seja "vagante" ou "flutuante", São Bento nos anuncia que a salvação do homem é, somente e sempre Jesus Cristo, o Bom Pastor, que veio e vem continuamente a procurar as ovelhas perdidas, tem compaixão, e as leva ao aprisco em seus ombros. Quem está nos ombros de Cristo não está perdido, e nem mesmo "flutuante", mas participa da Sua estabilidade e faz um caminho com Ele.

O abade, escreve Bento, "imite o piedoso exemplo do bom pastor que, deixando as noventa e nove ovelhas nos montes, saiu a procurar uma única ovelha que desgarrara, de cuja fraqueza a tal ponto se compadeceu, que se dignou colocá-la em seus ombros sagrados e assim trazê-la de novo ao aprisco" (RB 27,8-9).

Aqui, São Bento contempla Jesus, a sua caridade, o seu Coração compassivo. Faz a partir das passagens do Evangelho que falam do Bom Pastor. Pensa no capítulo 10 de João, à parábola em Lucas 15,4-7 e Mateus 18,12-14. Mas se percebe que Bento não está somente lembrando das passagens bíblicas. Bento está *olhando* Jesus, o fixa com atenção. A sua *lectio divina*, a sua ruminação destas páginas do Evangelho, tornou-se um olhar sobre Cristo, uma contemplação de Cristo. É como se olhasse o ícone do Bom Pastor, e, por isso, descreve a cena com veneração, adoração. Não fala apenas de "pastor", mas de "Bom Pastor"; não diz apenas que é um exemplo, mas um "*pium exemplum*", um exemplo de piedade, misericórdia; não fala apenas, como Lucas, dos ombros do pastor, mas "de seus ombros sagrados – *sacris humeris suis*". Em seguida, prefere que as 99 ovelhas sejam deixadas "nos montes", como Mateus escreve, em vez do "deserto", como escreve Lucas, talvez para tornar a imagem mais familiar, mais real para os monges de suas regiões. Enfim, faz trazer de volta a ovelha perdida "ao aprisco", detalhe que nos Evangelhos não é mencionado.

Tudo isto significa que Bento meditou por longo tempo a cena, que a meditou com toda a sua capacidade de imaginação e empatia. A meditou também, com devoção, veneração, adoração, porque nesta viu o Senhor Jesus Cristo, sua presença e a sua vida, a sua caridade. São Bento a contemplou, consciente de ver Deus e o seu amor agindo para salvar o homem.